

O CAMINHO ESOTÉRICO

Vamos começar nossa palestra desta noite e espero que ponham o máximo de atenção. Cada vez que eu venho aqui não terei inconveniente algum em reunir-me com todos vocês para conversar um pouco.

Chegou a hora, pois, de compreender realmente o caminho esotérico; isso é óbvio. Em todo caso, não é demais dizer-lhes que o que estamos buscando, em verdade, é converter-nos em verdadeiros seres autorrealizados e perfeitos. Soará um pouco exagerado o que estou dizendo aqui, nesta sala, mas em verdade não vejo outro objetivo básico para nossas reuniões, senão o estudo do caminho esotérico. Isso é o fundamental.

Distintos mensageiros têm vindo trazer suas mensagens à humanidade. No passado, nos tempos antigos, quando a humanidade não havia desenvolvido em sua natureza interior o abominável Órgão Kundartiguador, a vida era distinta: a Essência não estava (como dizia a vocês à noite) engarrafada dentro do Ego, não havia Ego. Os distintos centros da máquina orgânica pareciam verdadeiras caixas de ressonância onde vibravam as harmonias do universo; então era a Idade de Ouro e não existia nem “o meu” nem “o teu”; tudo era de todos e cada um podia comer da árvore do vizinho sem temor algum; aquele que sabia tocar a lira estremecia a Natureza com suas notas. Por aquela idade antiga que alguns chamam “A Arcádia”, em que se rendia culto aos filhos da manhã, aos filhos da aurora do Mahamanvantara, a lira de Orfeu não havia caído sobre o pavimento do templo, feita em pedaços; a Natureza toda parecia um organismo que servia de veículo aos Deuses (É que era outra humanidade!); o fogo dos vulcões e o tormentoso oceano lançando suas ondas às praias, o canto dos rios entre seus leitos de rochas e o voo das aves gigantesas que então existiam, eram sentidos no fundo do Ser, na forma mais profunda. Toda a Terra parecia um organismo vivo (de fato o é, mas nesse tempo aquela realidade era mais vívida para os humanos); falava-se unicamente a Língua de Ouro, ainda não haviam surgido tantos e tantos idiomas, todos esses idiomas da “Torre de Babel”.

Assim, pois, em nome da verdade, lhes digo que vale bem à pena que nós tratemos de voltar a esse estado de inocência primigênia.

Como lhes disse ontem, a Essência naquela época não estava engarrafada dentro do Ego. Para que a Essência viesse a engarrafar-se, foi necessário que surgisse na anatomia humana o abominável Órgão Kundartiguador. Nessa época (lemuriana, dissemos) a Terra tremia incessantemente, não havia verdadeira estabilidade na crosta geológica do mundo. Por isso foi que os Reitores da humanidade tiveram de tomar medidas. Sabendo eles que o organismo humano é uma máquina que recebe determinado tipo de energias que logo retransmite automaticamente às capas anteriores do organismo planetário, puseram uma alteração no corpo orgânico. Propósito: modificar essas forças de certa maneira, de modo que permitissem a estabilidade da

crosta geológica, e assim deixaram liberdade como para que o abominável Órgão Kundartiguador, mediante certos estímulos, fosse desenvolvido.

Inquestionavelmente, se não tivesse havido abusos sexuais (simbolizados pela lenda, aquela de Adão e Eva no Paraíso Terrenal), o desenvolvimento do abominável Órgão Kundartiguador tivesse sido algo mais que impossível; os abusos sexuais permitiram que tal órgão se desenvolvesse.

Agora, em nome da verdade, e falando judiciosamente ante vocês que estão dedicados aos estudos esotéricos, devo ter o valor de ser franco e dizer o que me consta, o que vivi, o que experimentei... Naquela idade eu tive corpo físico e fui um lemuriano como qualquer outro. Ainda recordo, claramente, as distintas tribos que viviam no que nós poderíamos chamar (hoje em dia) “ranchos”, mas aqueles tinham, melhor dizendo, o aspecto de enormes choças, com seus tetos que caíam até o piso e onde apenas havia uma porta por onde podia entrar toda uma tribo. Havia também cidades na Lemúria (muradas), levantadas com lava de vulcões. Ali viviam as pessoas cultas, mas nos campos, como sempre, viviam pessoas que não estavam dedicadas às letras.

Na Lemúria a vida era muito distinta; deu-se o caso de que ali existiam também sacerdotes e guerreiros ao mesmo tempo. Eu conheci Javé, o “gênio do mal”, um Anjo caído, como disse Saturnino de Antioquia. Ele teve corpo físico, era um Mestre de antigos Mahamanvantaras. Oficiava como sacerdote e todo o mundo o venerava; como guerreiro era magnífico: usava sempre espada de ouro e seu escudo e seu elmo e sua malha, e toda sua vestidura militar em geral, era de ouro. Sabia-se que era um Anjo e o veneravam. Desgraçadamente fui um dos primeiros que traiu o Santuário de Vulcano. Os traidores do Santuário de Vulcano lhe ensinaram Tantrismo Negro, quer dizer, ritos sexuais nos quais esse Iniciado cometia o crime de derramar o vaso de Hermes Trismegisto (falo em uma linguagem, digamos, esotérica especial que vocês deverão entender, pois eu não sou muito partidário de usar a vulgaridade para as questões relacionadas com o sexo, devido a que o sexo em si mesmo é sagrado).

Javé, indubitavelmente, entusiasmou-se com esse Tantrismo Negro; tratou de convencer a sua esposa de que com o tal sistema de Tantrismo Negro (Magia Sexual com ejaculação do *ens seminis*) era o mais indicado para a liberação. Sua esposa não aceitou: ela também era um Elohim encarnado e preferiu separar-se dele antes que aceitar o Tantrismo Negro.

Bem, como sequência ou corolário, Javé desenvolveu o abominável Órgão Kundartiguador. Ela (sua esposa) não caiu e todavia não é caída. Ela é um Elohim primordial da aurora do Mahamanvantara.

Faço menção a isto de Javé para ilustrar o aspecto sexual do abominável Órgão Kundartiguador. Obviamente, foi a traição dos Mistérios de Vulcano o que originou a

queda naquela idade antiga. Depois da divisão em sexos opostos, as tribos se reuniam em templos especiais e sob a direção dos Kumarats para procriar. O ato sexual era um sacramento, ninguém se atrevia a realizar a cópula química fora do templo. O Rei e a Rainha de qualquer país da Lemúria realizavam aquelas funções ante a Ara Sacra.

Vivendo naquele Continente Um, fui testemunha de todas essas coisas: vivendo no Continente Um, eu era membro de uma tribo e dormia em uma grande choça com todos os de meu Clã. Próximo a nós havia o que poderíamos denominar, hoje em dia, um “quartel”; pessoas dedicadas à preparação para a guerra, ou soldados; as cidades estavam mais distantes. Normalmente sempre assistíamos ao templo, quer seja aos ritos, quer seja a receber a instrução esotérica dos Hierofantes, mas o ambiente se sobrecarregava de instante em instante com o poder luciférico, e dali tudo derivou: deuse por realizar a cópula química fora do templo.

A reprodução, antes daquele instante fatal, realizava-se por Kriya Shakti, quer dizer, pelo poder da Yoga e da vontade; ninguém cometia o crime de derramar o vaso de Hermes Trismegisto. Qualquer espermatozoide pode escapar das glândulas endócrinas sexuais e tornar uma matriz fecunda; mas os das tribos começamos a delinquir. Eu ainda recordo, todavia, como numa manhã nos apresentamos todos no templo, depois de haver fornicado. Das profundidades do Santuário um Hierofante, com a espada desembainhada, expulsou-nos dizendo: “Fora, indignos!”. E todos saímos fugindo. Este mesmo fato aconteceu em todos os rincões desse gigantesco continente que se chamava Lemúria (era um continente que ocupava quase todo o Oceano Pacífico). Obviamente, tal evento antropológico (pertencente, melhor dizendo, à Antropogênese) é visto descrito nas distintas escrituras religiosas do mundo de forma simbólica (essa que é a queda de Adão e Eva do “Paraíso Terrenal”). Fomos expulsos por haver “comido” desse fruto proibido sobre o qual nos foi dito “não comereis”. Devido a essa anomalia surgiu o abominável Órgão Kundartiguador.

Uma vez que estávamos acostumados, durante a reprodução, aos ritos religiosos do templo, no Sacramento da Igreja de Roma ou do Amor, ao fornicar a resultante foi o nascimento (na anatomia oculta) do abominável Órgão Kundartiguador. A serpente ígnea de nossos mágicos poderes (a Kundalini), que antes se levantara vitoriosa pela medula espinhal, desceu, e ficou enroscada dentro do Chakra Muladhara, na forma de três vezes e meia, como a define perfeitamente a “Kundalini Yoga”; e o abominável Órgão Kundartiguador, a serpente descendente, a horrível Pítom de sete cabeças, que Apolo indignado feriu com seus dardos, projetou-se para baixo, desde o cóccix, para os infernos atômicos do homem, e se converteu no famoso “rabo” do satã bíblico.

Logrou-se o que se queria? Sim. Estabilizou-se a crosta geológica da Terra. Não é exagerado, pois, afirmar, de forma enfática, que naquela antiga idade os seres humanos chegaram a ter rabo, como a dos macacos. As forças cósmicas ou planetárias, ao passar pelos organismos, tornaram-se lunares e estabilizaram as capas geológicas do

mundo. Quando isso aconteceu, então os reitores da humanidade resolveram eliminar da espécie humana o abominável Órgão Kundartiguador, e o conseguem, no entanto houve erros de cálculos matemáticos, demoraram mais que o devido, e o ensaio resultou prejudicial: ficaram, desafortunadamente, nos cinco cilindros da máquina orgânica (intelecto, emoção, movimento, instinto e sexo) as consequências do abominável Órgão Kundartiguador, ficou o Eu pluralizado, o Ego, o mim mesmo, o si mesmo. Se não tivesse sido por esse equívoco de alguns indivíduos sagrados, hoje em dia a humanidade não teria Ego. Obviamente, aqueles que assim se equivocaram têm um Karma cósmico terrível, que terão de pagar no futuro Mahamanvantara, desgraçadamente.

Claro, muito mais tarde no tempo, distintos mensageiros vieram dos mundos superiores (“Avataras”: a palavra “Avatara” significa “mensageiro”) e todos eles se pronunciaram contra o abominável Órgão Kundartiguador e contra as suas más consequências, mas tudo foi inútil. Lá, no continente asiático, o amadíssimo Ashiata Shiemans trabalhou intensamente, mas tudo foi inútil. Buddha, Gautama Sakyamuni, trouxe o ensinamento à Índia e de fato se pronunciou contra o abominável Órgão Kundartiguador. Desafortunadamente, através dos séculos o ensinamento budista original se perdeu, hoje é muito pouco o que resta do autêntico ensinamento de Nosso Senhor o Buddha. E quanto a Jeshua Ben Pandira, Jesus de Nazaré, O Cristo, de fato ele se pronunciou contra o abominável Órgão Kundartiguador. Claro, seus ensinamentos têm aparecido em textos de Alquimia e outros, e quem os compreenda, pode realizar, de verdade, toda a Grande Obra.

Inquestionavelmente, os dois maiores líderes que existiram através dos tempos são o Buddha e o Cristo. Em certa ocasião aconteceu de apresentar-me em um monastério budista, no Japão. Então me ocorreu falar algo a favor do Cristo. Entre os irmãos assistentes formou-se, por assim dizer, certo escândalo. Como o templo era budista e não cristão, a queixa foi apresentada, pois ao Mestre. Este veio a mim e me interrogou: por que você falou a favor do Cristo, sendo este um monastério budista? Resposta: “Com profundo respeito a esta sagrada instituição, tenho de afirmar de forma enfática que o Buddha e o Cristo se complementam”... Eu aguardava uma reação da parte do Mestre, mas com grande assombro vi que concordou dizendo: “Em verdade o Buddha e o Cristo se complementam, assim é”... Logo fez trazer um fio de cânhamo, e me disse: “Empreste-me sua mão direita” Assim o fiz, claro. Com um fio me amarrou, pois, o dedo polegar direito e logo o dedo polegar esquerdo, e terminou falando em linguagem Zen: “O Buddha e o Cristo se complementam”...

Retirei-me daquele monastério, havendo entendido perfeitamente o Koan. Em nome da verdade, temos que reconhecer que esse Koan é muito sábio: Buddha e Cristo estão ligados dentro de nós, porque o dedo polegar direito representaria o Cristo e o esquerdo o Buddha (são dois fatores dentro de nós). Buddha, Sidharta Sakyamuni, trouxe a doutrina do Buddha Interior ao mundo. Qual é nosso Buddha interior? O

Íntimo é o Buddha (Atman-Buddhi, falando em linguagem rigorosamente sânscrita, teosófica) esse é o Buddha Íntimo de cada um, e Gautama nos trouxe essa doutrina do Íntimo. Por isso está escrito no testamento da sabedoria antiga: “Antes que a falsa aurora amanhecesse sobre a Terra, aqueles que sobreviveram ao furacão e à tormenta louvaram ao Íntimo e a eles apareceram os Arautos da Aurora”. Esse Íntimo é o Buddha Interior de cada um. Que os humanoides não o tenham encarnado? É certo! Que está na Via Láctea? De acordo, mas a cada um corresponde (lá em cima, na Galáxia) um Buddha Íntimo.

E quanto ao Cristo, muda a questão. Jesus de Nazaré, o Grande Kabir, o grande Iniciado Gnóstico, um dos membros mais exaltados da Ordem dos Essênios, e que vivera faz muitos séculos ali, às margens do Mar Morto, trouxe a doutrina do Cristo Íntimo.

O erro das pessoas modernas consiste em crer que o Cristo era exclusivamente aquele grande Mestre, Jeshua Ben Pandira (esse é seu nome local, porém isso é local). O Cristo é uma força cósmica, é o Segundo Logos, é a unidade múltipla perfeita, é uma força como a eletricidade, uma força como a de gravitação universal, uma força como a do fogo, a da água, do ar, etc. É uma força. Essa força é o Cristo que se expressa através de qualquer homem ou mulher (as mulheres também têm o mesmo direito) que estejam devidamente preparados, e isso é tudo.

Se o Cristo é certo que se expressou, e segue se expressando, através do Grande Kabir Jesus, não é menos certo que se expressou através de Nosso Senhor Quetzalcóatl (e bem vale a pena ler a vida, paixão, morte e ressurreição do bendito Quetzalcóatl). Se bem é certo que resplandeceu, pois, em Quetzalcóatl, também não é menos certo que um dia brilhou no rosto de Moisés no Monte Nebo, e não é menos certo que se expressou na Índia com o nome de Krishna, pois o Cristo Cósmico, onde queira que encontre um homem que está preparado, ali ele se expressa.

O Cristo não é um indivíduo, não é uma pessoa, não é um Eu; Cristo é uma força cósmica que está latente em todo átomo do universo, é o fogo universal de vida (isto há que entendê-lo), é o fogo.

Eu estive na aurora do Mahamanvantara e fui testemunha do amanhecer da vida. Quando o Exército da Palavra começou a fazer fecunda a matéria caótica para que surgisse a vida, eu vi o Grande Cristo Cósmico, vi sua figura humana, vi-o entrar ao templo e firmar um pacto, vi-o crucificar-se em sua cruz para salvar a homens e Deuses.

Cristo, pois, é o fogo universal de vida. Muito poderia dizer-se sobre O Cristo e eu direi a vocês o seguinte: o Cristo se define com quatro letras que estão sobre a cruz do mártir do Calvário (INRI, Ignis Natura Renovatur Integram: o fogo renova incessantemente a Natureza).

O Fogo está crucificado aqui na Terra. Se golpeamos uma pedra com outra, salta fogo. Onde está o filão, de onde saltou? Sobre a própria pedra se esconde o fogo pétreo, entre a água o fogo líquido, dentro do ar o fogo gasoso. Assim, pois, o fogo está em tudo o que é, foi e será; o fogo não tem princípio nem fim. Se nós riscamos um pavio, um fósforo, veremos com assombro que brota a chama. Será dito que a chama (essa que brota do fósforo) é o produto da combustão, porém tal conceito é falso. Nós asseveramos que a combustão existe devido ao fogo, que sem o fogo não poderia haver combustão. O fogo estava encerrado ali, dentro da matéria desse fósforo; com a fricção o que se conseguiu foi liberar a chama para que o fósforo se acendesse plenamente. O fogo faz com que a mão possa mover-se para riscar o fósforo; sem fogo, sem vida, essa mão não se move; o fogo está latente ali, senão, não apareceria, porque de nada, nada sai. O Fogo conserva, em seus processos, a todos os organismos existentes: a todas as espécies humanas, a todas as espécies animais e a tudo o que é, a tudo o que foi e a tudo o que será.

O fogo, em si mesmo, é sagrado. Quem conhece a natureza do fogo? Ninguém, verdade? A própria vida existe pelo fogo; até a própria Essência é fogo vivo. Quando essa Essência (que é fogo) vem à existência, a criatura se forma e nasce; quando o fogo (a Essência) abandona o corpo físico, o corpo morre. Assim, pois, vimos ao mundo pelo fogo, e nos vamos quando o fogo nos abandona.

Agora, o que a nós os gnósticos interessa, não é tanto o fogo físico, mas o fogo do fogo, a chama da chama, a assinatura astral do fogo. Esta, em si mesma, é o Cristo Íntimo; só ele pode (desde dentro) salvar-nos e acabar de destruir os elementos indesejáveis que levamos em nosso interior.

Agora vocês vão vendo como o Cristo e o Buddha se complementam dentro de nós mesmos. Mas há alguns que creem que Gautama, o Buddha Sakyamuni, é mais elevado que Jesus de Nazaré, o Cristo, e outros pensam que o Cristo é superior a Buddha. Cada um é livre de pensar como queira; eu situo os ocultistas e esoteristas dentro do terreno vivo do estudo esotérico. Nós bem sabemos que Atman-Buddhi é o Buddha Íntimo, o Buddha. Assim está escrito nos livros sânscritos. Mas sabemos que o Cristo é o Segundo Logos (o Primeiro Logos é Brahma, o Pai; o segundo é o Filho, Vishnu; o terceiro Shiva, o Espírito Santo). De maneira que esse Cristo Íntimo (é claro), dentro da escala do Ser, ou dentro dos níveis de nosso Ser superlativo e transcendental, está muito além do Buddha, porém se complementam.

Quando o Logos Solar quer vir dentro do corpo de um homem, obviamente deve descer desde sua elevada Esfera, penetrar no ventre materno da Divina Mãe Kundalini (a serpente ígnea de nossos mágicos poderes, a Virgem do Mar, Stella Maris, a Assinatura Astral do esperma, como se diz em Alquimia). Ela é virgem antes do parto e depois do parto; dela nasce o Logos já humanizado.

Vejam vocês esse milagre: como dela sai o fogo *in abstracto* e se humaniza; como por último entra no Iniciado com a Iniciação de Tiphereth, que a Iniciação Venusta! Ele cresce e se desenvolve dentro de nós, nasce entre os animais do desejo, porque o iniciado ainda não conseguiu eliminar seus Eus.

Ele deve, pois, desenvolver-se dentro de nós. Em princípio o Iniciado não sente mudança alguma, mas através do tempo vai sentindo a mudança. O Cristo Íntimo nasce débil, pequeno, mas deve crescer, fazer-se homem. Conforme ele vai eliminando os elementos indesejáveis que carregamos em nosso interior, vai crescendo.

Vejam vocês como não sendo ele um pecador, converte-se em algo assim como um pecador (sem sê-lo), pois se faz de fato responsável por todas nossas atividades mentais, sexuais, emocionais, volitivas, etc. etc. etc. Vive como um homem entre os homens, ainda que os homens não o conheçam; tendo vindo, tem que voltar a vencer; ele deve viver no coração do homem todo Drama Cósmico, tal como está escrito nos Quatro Evangelhos. Os três traidores levam-no à morte, as mulotidões de Eus que carregamos em nosso interior são as que gritam “Crucifica! Crucifica! Crucifica!” Judas, o Demônio do Desejo, é o que troca o Cristo Íntimo por todos os prazeres do mundo (as famosas 30 moedas de prata); Pilatos, o Demônio da Mente, que a toda hora vive lavando as mãos, que “nunca tem a culpa de nada”, que sempre encontra evasivas e justificações, trai-o, faz com que ele seja açoitado em pleno concílio, onde lhe colocam coroa de espinhos em suas têmporas e lhe flagelam com 5.000 e mais açoites; e Caifás, o Demônio da Má Vontade, que vende os sacramentos, prostitui o Altar, fornicava com as devotas, etc., também trai o Cristo Íntimo. Tudo isto se verifica ali dentro, nos mundos internos de qualquer homem que esteja devidamente preparado.

Ao fim, o Senhor deve subir ao Gólgota do supremo sacrificio no Mundo Causal, no Mundo das Causas Naturais. Logo baixa ao sepulcro e com sua morte ele mata a morte. Como ressuscita em nós, nós ressuscitamos nele e nos fazemos imortais, convertemo-nos de fato em Mestres glorificados, convertemo-nos em Mestres da estatura de um Moria, ou de um Kout Humi, ou de um Serapis, ou de um Hermes Trismegisto, ou de um Jesus Cristo.

Assim, que a crua realidade dos fatos é que o Senhor vive no interior profundo de cada um de nós, como vive também o Buddha. E se Gautama trouxe a mensagem do Buddha, do Buddha Íntimo, o Grande Kabir Jesus trouxe a mensagem do Cristo Cósmico e ambos se complementam (assim foi reconhecido em uma cátedra budista, no Japão).

Assim, pois, vale bem à pena que reflexionemos nisto, que aprofundemos e penetremos em todas estas questões...

Que há duas classes de Buddhas, sabemos-lo! Existem os Buddhas Transitórios e os Buddhas Permanentes. “Buddha Transitório” é aquele que não alcançou encarnar em si mesmo o Cristo Íntimo. “Buddha Permanente” ou “Buddha de Contemplação” é aquele que já se cristificou, que já recebeu em sua natureza interior o Cristo Íntimo.

“Buddha Maitreya”, pois, é o Buddha que encarnou o Cristo Íntimo (assim se deve entender). Buddha Maitreya não é uma pessoa, Buddha Maitreya é um título, é um grau, e indica qualquer Buddha que tenha se cristificado.

Faz muito tempo, muitíssimo tempo, tocou-me viver na China, durante a segunda sub-raça da grande raça Ária. Então me chamei Chou Li e ingressei na “Ordem do Dragão Amarelo”. Ali aprendi os sete segredos indizíveis, conheci as Sete Joias do Grande Dragão; ali nos dedicávamos especialmente à meditação de fundo. Um irmão chinês fazia vibrar um aparelho musical maravilhoso que dava as 49 notas; a síntese daquele estranho aparelho era o Som Nirioosnisiano do Universo. Quando a primeira nota vibrava nós tratávamos de ter a mente quieta e em silêncio. Ao dar a segunda nota, passávamos ao segundo nível do subconsciente. Também enfrentávamos os Eus com o propósito de recriminá-los e de obrigá-los a guardar silêncio; mas se a mente não lograva aquietar-se, recriminávamos mais fortemente o Ego. Quando soava a terceira nota aprofundávamo-nos um pouco mais, dirigia-nos à terceira zona do subconsciente para lutar com os Eus, para obrigá-los a guardar silêncio; e assim, com cada nota daquele misterioso aparelho (o Aya Atafán), submergia-nos em cada um dos 49 níveis do subconsciente, lutando com os diversos agregados psíquicos que levávamos em nosso interior. Em conclusão, aquele que chegava à nota 49 e havia trabalhado corretamente, lograva uma quietude absoluta da mente, nos 49 níveis do subconsciente. Então a Essência, o Buddhata, momentaneamente escapava de dentro do Ego para precipitar-se no Vazio Iluminador. Experimentávamos, desta forma, a verdade, o real.

Meu amigo Li Chang se distinguiu naquela idade, na ciência profunda da meditação. Ele, Li Chang, já não vive sobre a face da Terra: mora em um Planeta do Cristo, no planeta de um distante universo desta Galáxia. Ali vive (de instante em instante) dentro do êxtase, e é feliz. Pois aconteceu que este Li Chang conseguiu receber o Tao. Porém, que é o Tao? O Tao é o Ser, o Tao é o INRI, o Tao é o Cristo Íntimo. Li Chang, pois, recebeu o Tao.

No esoterismo Budista Zen, não se usa a dialética meramente racional, usa-se a Dialética da Consciência, que é diferente. Por exemplo, um monge se dirige a seu Mestre e o interroga assim: “Por que o Bodidharma veio do Ocidente” Resposta imediata, instantânea: “O cipreste está no centro do jardim”. “A resposta não coincide com a pergunta”, diríamos, acostumados como estamos com a Dialética Racional, ou a Dialética Formal; porém isso corresponde (tal resposta) à Dialética da Consciência; “Não importa de onde tenha vindo o Bodidharma, a verdade está em todas as partes”.

Em outra ocasião o Abade, o Mestre de um monastério, disse aos discípulos: “Perguntai o que tendes que perguntar”. Um discípulo disse: “Quero perguntar algo”. Mas antes de que possa perguntar, o Mestre com seu cajado lhe dá um golpe na boca (não é muito agradável quando lhe dão um golpe, verdade? Porém essa é a forma de atuar no Zen e no Chang Budista); a pergunta que ia fazer não estava correta.

Se um dia chega um Mestre e se apresenta na sala de meditação, os discípulos se prosternam ante ele, rendem-lhe muito culto, rendem-lhe honras, e o Mestre fala: “Por que tudo isto tão tarde?” Os discípulos dizem uma tontice qualquer, sem fundamento, e o Mestre lhes despede: “Tontos, néscios, fora daqui, retirem-se, não servem!” Aqui, se alguém diz uma palavrinha dura aos irmãozinhos, o Eu psicológico reage terrivelmente. Isso não tem sentido, em verdade vocês têm que aprender o que é a cruz da disciplina esotérica. No Zen, isso é a cruz, mas a disciplina que existe no Zen vai ao fundo, vai ao Buddha Íntimo de cada um. Por exemplo, um estudante ansioso por saber algo, ansioso de chegar ao Satori, de chegar a experimentar alguma vez o Vazio Iluminador, fala ao Mestre dentro do templo: “Mestre, que é o Vazio Iluminador?”. A resposta foi que o Mestre lhe deu uma patada terrível (no estômago, nada menos). O pobre homem caiu ao solo, aí, como “desmaiado”, mas experimentou o Vazio Iluminador. Quando se levantou, em vez de estar perdendo o tempo reagindo, abraçou o Mestre e lhe disse cheio de alegria: “Por fim experimentei o Vazio Iluminador!” Afortunadamente o Mestre não lhe completou a tarefa com uma bofetada, porque quando obtém o Satori, quando um discípulo experimentou o Satori e se apresenta todo cheio de alegria (ainda naquele estado de êxtase) ante o Mestre, o Mestre o retira desse estado com uma bofetada, em verdade, porque senão, dizem, lhe vem, pois, a “enfermidade do Satori”, quer dizer, fica como “mal” para o resto de sua vida; e para que não fique assim, com uma bofetada o regressa.

Observem vocês que o Budismo Zen vai diretamente lá, à Essência, à Consciência, ao Buddha Íntimo de cada um, e isso no fundo resulta transcendental.

Como poder explicar-lhes esta questão da Dialética da Consciência? De que forma? Bem, observem vocês um pinto quando está dentro da casca. Quando já está pronto para sair, pelo comum a galinha o ajuda. Ela lhe assiste com seu bico; ela dá umas bicadas na casca e isto ajuda ao pinto. Assim também, quando alguém está maduro para o Satori, o Mestre o ajuda (ainda que seja com uma patada, está claro). Isto pareceria muito duro, mas constitui a realidade do Zen, essa é a ajuda que é dada ao “pinto” que está pronto para sair da “casca”.

Em todo caso, essa linguagem única do Zen e do Chang vai direto ali, à Consciência, e isso é o transcendental, essa é sua dialética, mas não a Dialética Formal (não é esse tipo de dialética), mas a Dialética da Consciência (isso é claro).

Nós temos que aprender a mirar dentro nós mesmos, necessitamos aprender a ver dentro de nossa natureza interior, quando o tenhamos conseguido, converter-nos em Buddhas.

E como aprender a ver em nossa natureza interior, de que maneira? Pois, primeiro que tudo, desenvolvendo a capacidade da auto-observação psicológica. Como lhes dizia à noite, à medida que a gente vai se auto-observando psicologicamente, vai vendo seus Eus, seus agregados psíquicos inumanos, e logo os pode ir eliminando, desintegrando, pulverizando com a ajuda de Devi Kundalini Shakti, porque sem a serpente ígnea de nossos mágicos poderes não é possível desintegrar Eus.

Assim, pois, aprender a ver dentro de nossa natureza interior é necessário para converter-nos em Buddhas, isso é óbvio (estamos falando de algo que é transcendental e importante).

Agora, em outra ocasião um Mestre Zen havia sido convidado para que desse um sermão no Templo Budista. Todos os monges aguardavam e, ao fim, chegou o Mestre, mirou a todos, deu as cosas e se retirou para seu aposento. Os monges, que eram os mais interessados na palestra e que haviam feito o convite a toda a irmandade, foram reclamá-lo. A resposta do Mestre foi: “Um especialista nos *sastras* pode ensiná-los *Sastras* e um especialista em qualquer outra escritura religiosa pode ensiná-las, porém eu sou um Mestre Zen”. Essa foi sua única resposta, e disse tudo. Mas vocês não entendem essa linguagem; vocês estão acostumados à lógica formal ou lógica dialética, e esta é uma linguagem diferente.

Que havia querido dizer-lhes esse Mestre Zen? Que foi o que disse? Disse-lhes: “Senhores, aprendam a escutar a si mesmos, busquem o Íntimo, busquem-se a si mesmos, dentro de vocês está tudo!”. Isso foi o que quis dizer. Eu estou dando a explicação aqui porque vocês estão acostumados à lógica formal; se estivesse no Japão, qualquer Mestre estaria me puxando as orelhas fortemente, estaria aguentando uma repreensãozinha e um puxão de orelhas. Por quê? Porque estaria castrando o ensinamento; isso se chama “castrar o ensinamento” e é necessário que isto se assimile ou apreenda com a Dialética da Consciência.

Continuando adiante, pois, com esta questão, vemos que não é possível chegar ao grau de Buddha se não se eliminou em si mesmo os elementos indesejáveis. O Buddha Transitório ainda está na luta, não dissolveu o Ego, é um Buddha com resíduos do Ego, enquanto que o Buddha Permanente é aquele que já se cristificou.

Assim, pois, Buddha e Cristo estão intimamente relacionados, são dois fatores dentro de nós mesmos. Em um futuro terei que ir à Ásia, a cumprir uma grande missão: terei que ensinar à humanidade a necessidade de fundir os ensinamentos budistas e cristãos, porque o futuro religioso da humanidade estará na mescla do melhor do

esoterismo budista com o melhor do esoterismo cristão. Ao fim e ao cabo a Gnose é esoterismo cristão e budista integrados; por isso é que o Movimento Gnóstico está chamado a fazer uma revolução crucial.

O quanto antes, o que necessitamos é liberar-nos, acabar com essas más consequências do abominável Órgão Kundartiguador.

É óbvio que não poderia existir um Buddha se antes não tenha criado os Corpos Existenciais Superiores do Ser, e para criá-los é necessário ser Alquimista. É inconcebível um Buddha que não possua os Corpos Existenciais Superiores do Ser (seria absurdo!). Porém, como se criam esses corpos, de que maneira? Convém, em primeiro lugar, que vocês ponham a devida atenção nesta doutrina, porque este ensinamento é precioso. Necessitamos, pois, conhecer os Mistérios da Grande Obra, necessitamos saber como se prepara o Mercúrio da Filosofia Secreta; isso se faz impostergável.

Que é um Mercúrio? Sabem-no? Por que é dito ao Iniciado que há que se por as “botas de Mercúrio”? Esclarecendo, direi a vocês que o Mercúrio é a Alma Metálica do esperma, que o Mercúrio, em si mesmo, é sacratíssimo. Porém, como se elabora o Mercúrio? Bem, isso foi o que calaram todos os Alquimistas da idade média, isso é o segredo indizível. É urgente elaborá-lo? Sim, e aqui vou a lhes dar a chave. Obviamente, a chave está precisamente no Arcano A.Z.F. Ali é onde está a chave, nestas três letras, A.Z.F., está a chave, a chave do Grande Arcano. O “A” (Aqua, água) refere-se a essa “água metálica”, ao “número radical metálico”, ao Exiohehari, quer dizer, às secreções glandulares sexuais, ao esperma sagrado. O “F” é o Fogo, o Fohat, porque sem fogo nunca se poderia elaborar o “A”, a água pura de vida, o Mercúrio da Grande Obra.

A água, em si mesma, é o Mercúrio, o “número radical metálico” que há que se aprender a sublimar. Mas primeiro é necessário conhecer o segredo, para saber como se fabricam os Corpos Existenciais Superiores do Ser.

Inquestionavelmente, o segredo está em um artifício que é muito simples, muito simples, porém grandioso. O segredo vivo para a preparação do Mercúrio é chamado “secretum secretorum” (falando em uma linguagem latina). Não usarei termos vulgares para o tema; direi justamente que há necessidade da conexão do Lingam-Yoni durante o matrimônio perfeito, e que jamais na vida se deve derramar o vaso de Hermes Trismegisto, o três vezes grande Deus Ibis de Thot (vocês saberão compreender-me).

Evitando, pois, o orgasmo da Fisiologia, consegue-se a preparação do Mercúrio. Esse Mercúrio é a Alma Metálica do próprio esperma (a Alma Metálica, repito).

Há três Mercúrios, e os vou anunciar e a ilustrar com desenhos. Bem, a este o chamaríamos “primeiro Mercúrio”, que é o “Azougue em Bruto” do esperma; a este o

chamaríamos “segundo Mercúrio”, que é já a “Alma Metálica” do esperma; e a este o chamaríamos nós “terceiro Mercúrio”, ou seja, Mercúrio+Enxofre. Concluindo, o Mercúrio é a Alma Metálica, e o Enxofre é o fogo sagrado. Faltaria algo mais. Na fisiologia orgânica vemos que também existe o Sal, que deve sublimar-se através de todas as operações tântricas dentro do laboratório.

É necessário que estudemos, um pouquinho, toda esta questão. Inquestionavelmente, ao transmutar-se o esperma sagrado em energia criadora, esta sobe por um par de cordões simpáticos (que existem na nossa anatomia orgânica) até o cérebro. São as correntes energéticas sexuais que subirão pelos cordões ganglionares, exatamente até a massa cerebral. Esse é o Mercúrio, mas nós sabemos que tais correntes energéticas sexuais devem polarizar-se em positivas e negativas, em solares e lunares. Já polarizadas, fazem contato no “Tribeni”, próximo do cóccix, e então aparece o fogo sagrado que sobe pela espinha dorsal em forma de Enxofre. Esse fogo, unido com as correntes solares e lunares do Mercúrio, ascende pela espinha dorsal, ao longo do Canal de Sushumna (ou canal medular) até o cérebro, e à medida que ascende abre os centros espirituais que nos são próprios. O excedente deste terceiro Mercúrio, inquestionavelmente vem a se cristalizar nos Corpos Existenciais Superiores do Ser. Assim nos convertemos em Buddhas.

Mas vamos limitar-nos agora ao terceiro Mercúrio. Neste terceiro Mercúrio existe o Enxofre e o Sal.

Que é a “Nebulosa” no espaço infinito? É uma mescla de Sal, de Enxofre e de Mercúrio. Qualquer metal da Terra, se o dissolvemos, fica reduzido a Sal, Enxofre e Mercúrio. Tudo o que existe na Criação se deve ao Sal, ao Enxofre e ao Mercúrio, isso é óbvio.

Assim, pois, em uma Nebulosa há Sal, Enxofre e Mercúrio. A Nebulosa é o “Arché” dos gregos; daí saem os mundos que logo giram ao redor de seus centros gravitacionais. E se além, no espaço estrelado, necessita-se de um Arché sobre o universo para que dali venham os mundos à existência, aqui embaixo é o mesmo, aqui se necessita criar (dentro de nosso organismo) um Arché, uma Nebulosa muito especial com Sal, Enxofre e Mercúrio. Essas substâncias vamos criá-las, precisamente, de nossas glândulas endócrinas sexuais, e, ao fim, deste Arché daqui de baixo, do microcosmos homem, nascem os Corpos Existenciais Superiores do Ser.

Normalmente, as notas Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si vibram no sexo, mas se as passamos a uma oitava superior o Arché vem a se cristalizar no Corpo Astral. Em outra oitava superior o Arché se cristaliza no Corpo Mental, e em outra oitava ainda mais superior, no Corpo da Vontade Consciente. É assim, repito, como nos convertemos em Buddhas.

Bem, até aqui minha palestra desta noite. Se alguém quer fazer perguntas, tem a mais absoluta liberdade.

P – Mestre, simular que se possuem virtudes, que consequências pode trazer?

R – Simular virtudes? As consequências que nos traz, isso de simular virtudes, são as que tu vês nos hipócritas fariseus, que bendizem os alimentos na hora de sentar-se à mesa, que limpa o lado de fora do prato e do copo, mas que, por dentro, estão cheios de podridão e de ossos de mortos. Esses se sentem puros e santos, ainda que por dentro estejam podres; creem-se virtuosos, quando em realidade, de verdade, nada têm de virtudes; o único que possuem são pedras falsas, e isso é tudo. Quer dizer, da simulação das virtudes nasce com muita força o Eu fariseu.

Alguma outra pergunta? Vamos seguir fazendo as perguntas, todos têm que perguntar. Vamos ver, fale irmão.

P – Quando alguém consegue ver algum Eu, por exemplo, o Eu da luxúria, mas sente temor de enfrentá-lo, que pode então fazer?

R – Pois então tem que se acabar com o Eu do temor. Quando alguém sente medo por algo, esse medo, esse temor, há que dissolvê-lo, porque é outro Eu. Há pessoas que temem sair fora do corpo físico à vontade. Que lhe passa? O Eu do temor não as deixa. Como fazer para que seja retirado esse temor? Pois acabando com o Eu do temor. À medida que alguém vai trabalhando sobre si mesmo, à medida que vai se auto-observando, determinados elementos o vão instruindo. Este alguém Vai percebendo os Eus porque o sentido da auto-observação psicológica vai se desenvolvendo, mas se este alguém teme, há que dissolver o Eu do temor.

Alguma outra pergunta?

P – Pode-se considerar a Gnose como uma religião?

R – A Gnose é a chama de onde saem todas as religiões. No fundo, é religião. A palavra “religião” vem de “religare”, voltar a ligar a alma com Deus; mas a Gnose é a chama puríssima de onde saem todas as religiões. Gnose é conhecimento, Gnose é sabedoria. Assim é como se deve entender.

Alguma outra pergunta?

P – Mestre, o Ego que cada um de nós possui, trazemo-lo desde que viemos ao mundo? Digo isto porque tenho visto que desde crianças nós gostamos de ser egocêntricos.

R – Inquestionavelmente, trazemos muitos Eus ao vir ao mundo, mas nascem novos; uns morrem e outros nascem. Entre nós, constantemente estão nascendo novos Eus e morrendo outros. Muitas vezes uma tempestade, uma chuva, um sol muito forte,

produzem em alguém uma contrariedade suficiente para que nasça um Eu. Essa é a crua realidade dos fatos; temos, no fundo de nós, Eus que nem remotamente suspeitamos que temos. Como poderia uma pessoa honrada que nunca roubou a ninguém, a nenhum centavo, poderia aceitar, por exemplo, que no fundo possa ter Eus ladrões? Como poderia uma pessoa que jamais assassinou a ninguém, que nunca tenha sido capaz de levantar um dedo contra ninguém, admitir que no fundo possa ter uns tantos Eus homicidas? Como poderia uma mulher virtuosa, boa esposa, magnífica cidadã, das quais ninguém possa dizer nada sobre sua conduta, sobre sua retidão, aceitar que no fundo possa ter um grupo de Eus de prostituição? No entanto, assim é. É lamentável ter que dizer a vocês que o que temos no fundo de cada um de nós são profundas trevas, que nós estamos vivendo como míseros robôs, no estado de inconsciência mais espantosa do universo.

P – Mestre, já que estamos limitados pelo Ego, e a personalidade? Você poderia dar-nos uma chave mediante a qual possamos saber, por nós mesmos, qual é o verdadeiro caminho?

R – Precisamente, já falamos sobre isso, já temos falado sobre isso. Já lhes disse que existe uma ordem no trabalho e que essa ordem é estabelecida, precisamente, pelo nosso Ser Interior profundo. Nós começamos a auto-observar-nos e vamos nos autodescobrindo, e vamos lutando pela dissolução dos Eus que vamos descobrindo, mas à medida que vai passando o tempo vamos nos dando conta de que todos os Eus que vamos descobrindo formam parte de um programa, e que é o Ser quem estabelece esse programa dentro de nós mesmos, que é ele quem põe essa ordem, e ao fim e ao cabo ele se programa de uma forma extraordinária; e quando nós vimos a evidenciá-lo, forma-se em nossa mente isso que poderíamos chamar “Memória Trabalho”. Aquele que dissolveu o Eu totalmente, poderia perfeitamente escrever um livro (com capítulos ordenados) sobre cada uma das partes do trabalho. De maneira que isto é bastante interessante, a Memória Trabalho que se forma à medida que trabalhamos sobre nós mesmos.

Alguma outra Pergunta?

P – Qual é o alimento da vontade?

R – A quais “vontades” te referes? Porque temos muitas “vontades”. Resulta que cada Eu tem sua própria vontade, cada Eu é uma pessoa completa que tem os três cérebros: o intelectual, o emocional e o motor-instintivo-sexual. Cada Eu tem sua própria mente, seus próprios critérios, suas próprias ideias, suas próprias emoções, sua própria “vontade”. E se cada Eu tem sua própria vontade, então as vontades se chocam entre si em conflitos íntimos terríveis, dentro de nós mesmos. Para chegar a possuir essa autêntica vontade, aqui e agora, somente haveria que destruir o Ego. O dia em que tua Essência se libere de verdade, terás uma Consciência liberada com uma vontade

soberana para mandar no fogo, nos ares, nas águas e na terra. Moisés, precisamente, podia mandar nos elementos da Natureza porque havia destruído o Ego, havia liberado sua vontade, uma vontade soberana como para desatar as pragas sobre a terra do Egito e liberar seu povo. Porém, enquanto um homem não tenha liberado sua vontade, não tomou posse de si mesmo. A autêntica vontade surge em nós quando o Ego tem morrido.

Alguma outra pergunta?

P – Mestre, uma pessoa que deseje autoanalisar-se psicologicamente, em que estado deve se encontrar?

R – Pois no estado, precisamente, de auto-observação, que é o caso da pessoa que já admite que tem uma psicologia particular. As pessoas normalmente não o admitem. Admitem que têm um corpo físico porque o sabem com sua Mente Sensual, mas não admitem que têm uma psicologia e, portanto, não se auto-observam. Quando alguém admite que tem uma psicologia particular, começa de fato a auto-observar-se; e então o estado em que se encontra é o de alerta percepção, de alerta novidade, pois se não se achasse nesse estado não se auto-observaria jamais.

Alguma outra pergunta?

P- No caminho esotérico poderíamos receber alguma outra ajuda, além da que nos proporciona o Real Ser Interior?

R – Sim, é assim! A Mãe Divina Kundalini te ajudará a desintegrar erros. Além da Mãe Divina particular, individual, o Pai que está em secreto te orientará no trabalho, e cada uma das outras partes do Ser fará algo por ti. Tua Minerva própria, particular, essa Minerva Individual, essa parte do Ser que cultiva a sapiência, dar-te-á a sabedoria de que necessitas, se perseveras.

P – Mestre, quando ao Cristo foi perguntado “que é a verdade?”, ele deu as costas e se retirou, mas também disse que “ele era o caminho, a Verdade e a Vida”. Há alguma contradição nisso?

R – Indubitavelmente, em primeiro lugar, Cristo não deu as costas: guardou silêncio ante Pilatos. O que deu as costas foi o Buddha Sayamuni. Quando Jesus o Cristo disse “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”, não é uma pessoa a que o diz, é o Cristo Íntimo. Inquestionavelmente, aquele que trabalha de verdade sobre si mesmo e avança nesse sentido, algum dia desses tantos é ajudado pelo Cristo Íntimo. O Cristo, em si mesmo, é a Verdade, é o Caminho, porém o Cristo não é um indivíduo humano ou divino, Cristo é uma força como a da gravidade, como a da eletricidade, como a da coesão universal. Cristo vem desde dentro, não desde fora. Aqueles que aguardam a segunda vinda do Cristo desde fora, pois estão equivocados. Cristo virá desde dentro,

desde o Espírito, desde a Consciência, desde o fundo de nossa Alma. Quando nós o encarnamos, ele entra então em nosso templo (que é o corpo) para ajudar-nos no trabalho. Ele então tomará cargo de nossos processos mentais, volitivos, sexuais, etc., etc., etc. Ele se fará homem entre os homens e lutará para desintegrar todos os elementos indesejáveis que carregamos em nosso interior, e lutará como se fosse parte de si mesmo; quer dizer, não sendo um pecador se fará pecador, não sendo um homem que viva em trevas parecerá como se o fosse; tornar-se-á uma pessoa de carne e osso para poder liberar-nos. Ao fim, um dia desses tantos, terá que subir ao Gólgota do supremo sacrifício, dar a vida para que outros vivam. Por último, o que faz o Cristo no coração do homem é morrer, porque com sua morte mata a morte; e logo ressuscita dentro do próprio homem e o homem dentro dele, e vem a glorificação. Porém ninguém poderia receber ao Cristo Íntimo se não trabalha sobre si mesmo, e ainda que Cristo nasça mil vezes em Belém, de nada serve isso se não nasce em nosso coração também; e ainda que Cristo tenha subido ao Gólgota da Terra Santa, de nada serviria isso se não sobe em nosso Gólgota também, e se não morre e ressuscita em cada um de nós.

A Ressurreição há que consegui-la agora, em carne e osso, ao vivo, aqui mesmo. Aqueles que pensam que a Ressurreição é para um futuro remoto, se equivocam; aqueles que pensam que a Ressurreição é para todos os seres humanos, estão muito fora da verdade. A Ressurreição não é para todos e é conquistada aqui e agora, se em verdade nos propomos a morrer em si mesmos.

O Cristo vem desde dentro, repito, e surge quando estamos bastante avançados neste trabalho tão difícil.

Alguma outra pergunta?

P – Mestre, tem-se falado muito sobre a vinda do anticristo, mas em verdade, que é o anticristo?

R – O anticristo está aqui mesmo, vive entre nós, e está fazendo uma campanha gigantesca em todos os países do mundo: fala através de milhões de pessoas, inventa foguetes que chegam à lua, aviões supersônicos, remédios que fazem portentos, etc., etc., etc. O anticristo é, precisamente, o contrário do Cristo Íntimo, é o Ego animal, e avança vitorioso com sua mente brilhante e terrível. Todo o mundo se ajoelha ante o anticristo e diz: “Não há como o anticristo!” O anticristo da falsa ciência faz prodígios e todo o mundo se ajoelha reverente ante ele. Milhões de pessoas dizem: “Quem é como o anticristo? Quem é capaz de fazer o que ele faz? Os cientistas do anticristo odeiam ao Eterno.”

Alguma outra pergunta?

P – Como os pobres poderiam fazer para conciliar as duas polaridades, quer dizer, a questão econômica e a questão Consciência?

R – Pois esta questão do trabalho psicológico é completamente diferente. Convém saber instruir para que o pobre possa liberar-se. Se observamos, por exemplo, o pobre, veremos que indubitavelmente está vivendo em um estado infra-humano. Faz algum tempo, eu observava um grupo de “acampados”, ali, no D.F. Eles viviam perto de minha casa, haviam invadido um terreno alheio. Bem, propus-me a observá-los desde a cobertura: levavam uma vida infra-humana, viviam ébrios. Nesse “bairro” onde eu vivo, raramente se via as patrulhas da polícia, mas desde que aqueles “acampados” invadiram, as patrulhas iam e vinham por ali. Nunca se viam casos de sangue e agora já se viam. Viviam sempre brigando entre si, tratando-se muito mal uns aos outros, em lugar de compartilhar sua própria dor, em lugar de se tratarem como irmãos. Então foi quando pensei o seguinte: se um destes homens mudasse de Nível de Ser, que diferente seria. Porém, para que ele desse um passo adiante no Nível de Ser, inquestionavelmente, teria que receber a informação, que alguém tivesse a amabilidade de descer até eles e lhes explicar de que forma poderiam mudar de Nível de Ser, de que forma poderiam passar a um Nível de Ser mais elevado. Um homem poderia passar a um Nível de Ser mais elevado se, já consciente do trabalho, ele se propusesse a eliminar seus defeitos inumanos, eliminar seus erros psicológicos. Mas, inquestionavelmente, ao começar a eliminá-los ficaria “desnivelado” com relação àqueles com quem convive, porém, por Lei de Afinidades se colocaria em contato com pessoas de outro Nível de Ser diferente, faria relação com outra classe de seres humanos, e estes lhe brindaria outras oportunidades; e então abandonaria o “estábulo” e passaria a viver melhor. Assim o pobre, mudando o Nível de Ser, pode deixar de ser miserável e entrar em uma situação econômica melhor. Isto demanda anos de trabalho sobre si mesmo, porém o que se necessita é trabalhar no meio de todas essas pessoas que estão em desgraça.

Alguma outra pergunta?

P – Ao lado das necessidades econômicas dessas pessoas existe também a ignorância, e para que possam adquirir os conhecimentos gnósticos seria necessário, por parte do Missionário, uma grande paciência, não é?

R – Assim é! Seria necessário muita paciência, e quisera que vocês tivessem a paciência, de verdade, e instruissem a essas pobres pessoas, para que elas começassem a trabalhar sobre si mesmas e passassem a um Nível de Ser superior. Leve-se em consideração que o Nível de Ser de cada um atrai sua própria vida. Vejamos uma vaca no estábulo, seu Nível de Ser atrai sua vida de vaca, e se levamos essa vaca, por exemplo, a um apartamento luxuoso e a perfumamos, nós a vestimos, ainda no apartamento luxuoso seguirá sendo vaca.

O nível de Ser de cada um atrai sua própria vida. Por exemplo, se a uma pessoa de um Nível de Ser inferior, inumano, que vive em desgraça, vestimo-la do melhor e a levamos ao Palácio de Buckingham, a viver ali ao lado da Rainha Isabel, inquestionavelmente ali dentro do Palácio de Buckingham seu Nível de Ser atrairá sua

própria vida, e podemos estar seguros de que aos poucos estará em conflito com a servidão, trazendo problemas.

Pois sim, o Nível de Ser de cada pessoa atrai sua própria vida. Se nós passamos a um Nível de Ser mais elevado, atrairemos circunstâncias diferentes, novas formas de vida, e viveríamos uma vida, digamos, edificante e essencialmente dignificante. Isso é óbvio.

Alguma outra pergunta?

P – Mestre, que parte do Ser somos nós?

R – Pergunta-me de que parte do Ser somos nós? Isso é grave, porque nós não somos nenhuma parte do Ser, nós não somos senão míseros robôs programados para tal ou qual trabalho, de acordo com o índice de matérias que estudamos desde a escola. Temos uma Falsa Personalidade e uma Consciência falsa; nossa verdadeira Consciência Superlativa do Ser foi deslocada, a pobre está ali, abandonada no fundo do esquecimento. O que nós somos são robôs, máquinas controladas por forças desconhecidas, pelos Eus, mas nosso Ser Interior Profundo, com todas suas partes sublimes, está muito mais além da máquina, muito mais além do mísero robô. Que pode o robô saber sobre seu Ser? Que pode saber a Mente Sensual sobre as diversas partes do Ser e seus funcionalismos? Nada! Começamos a autoexplorar-nos para evidenciar por nós mesmos a crua realidade do que somos. Só assim, e de verdade, poderemos chegar até as partes mais puras do Ser.